

Algumas considerações sobre a presença da epigrafia em latim no Rio de Janeiro

Some considerations about the presence of Latin epigraphy in Rio de Janeiro

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i2.32307>

Danilo Oliveira Nascimento Julião

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas pela Universidade do Rio de Janeiro; Bacharel em Letras: Português-Inglês, Bacharel em Letras: Português-Latim e Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: prof.danilo.juliao@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7486-3253>

RESUMO

O artigo pretende apresentar algumas considerações a respeito da presença de inscrições epigráficas em língua latina na cidade do Rio de Janeiro, na região da baía de Guanabara. Gravadas em obras públicas construídas ou reformadas nos séculos XVIII e XIX, esse corpus mostra um novo registro sobre a memória da cidade. A partir dos estudos de Julião (2018), Abascal (1995) e Susini (1982), definiremos o que é uma inscrição epigráfica e seu suporte material, além de explicar como a língua latina se apresentou na cidade através das inscrições.

Palavras-chave: Inscrições latinas. História do Rio de Janeiro. Logradouros públicos. Cultura material. Epigrafia.

ABSTRACT

This article intends to highlight some considerations on the presence of Latin epigraphic inscriptions in the city of Rio de Janeiro, on Guanabara Bay area. Engraved in monuments and public works built or reformed in the eighteenth and nineteenth centuries, these inscriptions shows a new register of the memory of city. Based on the ideas of Julião (2018), Abascal (1995) and Susini (1982, we will define an epigraphic inscription and its material, besides explaining how the Latin language showed in the city through inscriptions.

Keywords: Latin inscriptions. History of Rio de Janeiro. Public constructions. Material culture. Epigraphy.

Introdução

Quando circulamos por uma cidade, encontram-se muitas informações registradas nas legendas e mensagens inscritas nas construções e prédios; muitas vezes, elas passam despercebidas aos transeuntes, mas alguns percebem algumas particularidades curiosas: o ano em que determinado prédio foi fundado, uma breve descrição sobre a edificação ou reforma de uma construção, a trajetória de determinada figura ilustre registrada em sua lápide, etc. Dessa forma, as construções da cidade se comportam como capítulos específicos de sua história à vista de visitantes e habitantes locais, registrando uma série de passagens sobre determinada etapa histórico-social de determinada nação, desenvolvimentos, declínios, mudanças, entre outras coisas. A expectativa é que as legendas de todos os prédios se encontrem na língua nacional; se, por exemplo, algumas dessas legendas presentes na cidade se apresentam numa língua estrangeira em desuso, é possível questionar os motivos para a presença daquela língua na cidade, identificando uma retomada do mundo antigo em épocas posteriores, funcionando como versões de uma forma de escrita muito utilizada na Antiguidade e adaptadas a uma nova realidade.

Na cidade do Rio de Janeiro, as inscrições servem como testemunhos¹ sobre episódios particulares que envolviam a cidade, seus habitantes e visitantes e os lugares que surgiram nos séculos em que ela passou por um processo de expansão e desenvolvimento. A proposta desse artigo é expor algumas considerações sobre a presença e análise de inscrições epigráficas em latim² presentes em obras e logradouros públicos construídos e reformados na cidade do Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX; nesse caso, não se trata de toda a cidade, mas a região da Baía de Guanabara (o que inclui também a porção de Niterói banhada pelas águas da Baía). Além disso, busca-se expor brevemente de que maneira elas ajudam a construir parte da memória da cidade, além de apontar aspectos relevantes sobre as construções onde as mesmas se encontram. O recorte tornou-se específico por conta da motivação primeira da pesquisa: identificar como essas inscrições epigráficas ajudavam a retratar a memória da cidade sob uma perspectiva diferente, isto é, a perspectiva epigráfica³, bem como identificar o que pode ser definido como uma inscrição epigráfica, em quais locais as mesmas podem ser encontradas e quais informações pode-se depreender dessa análise. Notável perceber a presença da língua latina numa nação totalmente afastada da dimensão espacial e temporal do Império Romano e, principalmente, num contexto muito afastado daquele período, o que instiga mais a encontrar

¹ SANMARTIN, 1928, p. 1.

² Aqui tomamos o cuidado de não nos referirmos a elas simplesmente como inscrições latinas, haja vista que elas não foram produzidas durante a Antiguidade romana e, sim, numa época muito posterior.

³ Por perspectiva epigráfica, considera-se analisar as inscrições epigráficas em conjunto com a história e topografia da cidade para inseri-las dentro dos contextos urbano e social.

respostas para a série de questionamentos surgidos da curiosidade causada por uma inquietação: saber que tipo de contribuição as inscrições epigráficas em latim trariam para os estudos sobre a história da cidade e, eventualmente, da epigrafia latina.

Os conceitos de inscrição epigráfica e epigrafia

A proposta é investigar as inscrições epigráficas monumentais em latim presentes em parte da cidade do Rio de Janeiro, em edificações pertencentes à época colonial e imperial brasileira. Antes de qualquer consideração, convém delimitar o conceito de inscrição epigráfica, sua função e relevância dentro de uma construção e, conseqüentemente, nos estudos de epigrafia. Muitos estudiosos de epigrafia, como Giancarlo Susini (1982), divergem sobre uma definição satisfatória para o que é uma inscrição epigráfica, sendo preciso muito tempo e análise de vários aspectos para chegar a um denominador comum. A princípio, o primeiro critério buscado é a etimologia: o termo inscrição vem do latim *inscriptio*, *inscriptiōnis* que, de acordo com Ida Limentani (2004, p. 15), "significava, em latim, a ação de escrever na língua escrita"⁴. Curiosamente, o termo *inscrição* foi adotado por humanistas, ao passo que o verbete *titulus* era seu equivalente mais usado na Antiguidade romana, como encontra-se em alguns autores de literatura latina ou explicam os vários estudiosos da epigrafia romana, como Susini, que expõe um ponto de vista etimológico sobre o conceito de inscrição:

Para designar a escrita destinada a ser lida pelas pessoas, usa-se a palavra epígrafe ou inscrição; a primeira transcreve o grego *epigraphé*, que literalmente significa escritura (sobre qualquer coisa), reunindo também em seu complexo significado a consideração sobre a superfície, o suporte e mesmo do monumento assim escrito, e ainda a soma das operações que haviam tornado possível a realização da escrita sobre aquela superfície sobre aquele monumento. Inscrição vem do étimo latino *inscriptio*, que bem traduz os significados da palavra grega (*epigraphé*), mas que somente a doutrina dos humanistas foi trazido no uso convencional, enquanto a língua latina preferia usar a palavra *titulus* para definir qualquer tipo de escrita pública.⁵ (SUSINI, 1982, p. 14-15)

⁴ *Inscriptio* significava in latino sia l'azione dello scrivere che le parole iscritte.

⁵ Per designare queste scritte destinate ad essere lette dalla gente si usa la parola « epígrafe » o « iscrizione »; la prima trascrive il grego *epigraphé*, che letteralmente significa « scrittura » (su qualcosa), raccogliendo nel suo complesso significato anche la considerazione della superficie, del supporto e persino del monumento così iscritto, ed anche la somma delle operazioni che hanno reso possibile la realizzazione della scrittura operando su quella superficie e su quel monumento. Iscrizione viene invece da *inscriptio*, che bene traduce i significati della parola greca, ma che solo la dottrina degli umanisti ha portato nell'uso convenzionale, laddove la lingua latina preferiva usare la parola *titulus* per definire qualsiasi tipo di pubblica scritta.

A partir da definição dada por Susini, como ponto de partida para o raciocínio, nota-se que uma inscrição se relaciona com a escrita e, conseqüentemente, aos caracteres escritos, de modo que o texto é uma parte fundamental da inscrição e sua análise. Contudo, não se trata de um texto qualquer, mas aquele que se encontra num contexto específico, já que ele se encontra gravado numa superfície; para que uma escrita seja considerada epigráfica, são necessárias algumas características: ela precisa estar adequada a um estilo lapidar e conciso⁶ e, além disso, possuir a capacidade de estabelecer uma comunicação com diversos leitores, tanto da geração contemporânea à inscrição quanto das gerações futuras à mesma. Em outras palavras, uma inscrição epigráfica não funciona como mero elemento decorativo de uma construção, mas transmite uma mensagem que deve comunicar-se à distância⁷, estando sua leitura disponível a indivíduos de diferentes gerações; a informação contida em determinada inscrição epigráfica deve, de alguma forma, resultar na compreensão e despertar algum tipo de emoção no leitor que a lê, compreende e codifica, como mostra Juan Manuel Abascal:

As inscrições são a única evidência de que dispomos para conhecer o programa de construção pública nos diferentes lugares. O número elevado de testemunhos recolhidos nos diferentes *corpora* permite inclusive uma classificação por tipos de edifícios ou por épocas de edificação. A comparação destes dados com os obtidos por meio da arqueologia leva a esboçar, com muita frequência, as transformações urbanísticas de um núcleo ou uma ordem de seu programa de monumentalização. Com estas inscrições, aprendemos a medir o papel dos diferentes grupos sociais no financiamento das obras públicas ou no interesse de uma família por manter, por meio das reconstruções, a recordação de um antepassado generoso⁸. (ABASCAL, 1999, p. 446)

Percebe-se, assim, que as inscrições epigráficas servem como um medidor socioeconômico de determinada sociedade, considerando as relações sociais e, inclusive, como as mesmas influenciam os investimentos econômicos em obras públicas. Outro aspecto importante para uma inscrição epigráfica é a capacidade de despertar a memória de um indivíduo ou coletividade, indo ao encontro da observação de Jacques Le Goff (2013), que coloca a memória como “a capacidade de conservar certas informações” (LE GOFF, 2013, p. 387); a inscrição epigráfica carrega um aspecto histórico ou cultural,

⁶ Entenda-se aqui como um estilo pertencente à superfície de pedra e que se adequa a um espaço restrito, conseguindo transmitir uma mensagem com o mínimo de caracteres possível. Para maiores informações, CORASSIN, 1999, p. 207-208.

⁷ DESBORDES, 1995, p. 72.

⁸ Las inscripciones son la única evidencia de que disponemos para conocer el programa de construcción pública en los diferentes enclaves. El elevado número de testimonios recogidos en los diferentes *corpora* permite incluso una seriación por tipos de edificios o por épocas de edificación. La comparación de estos datos con los obtenidos a partir de la arqueología da pie a esbozar, con mucha frecuencia, las transformaciones urbanísticas de un núcleo o el orden de su programa de monumentalización. Con estas inscripciones hemos aprendido a medir el papel de los diferentes grupos sociales en la financiación de las obras públicas o en interés de una familia por mantener, por medio de las reconstrucciones, el recuerdo de un antepasado generoso.

funcionando como um aviso, lembrete ou celebração, potencializado pela construção ou monumento em que ela se encontra. Embora a inscrição epigráfica esteja ligada à escrita, não se deve descartar aquelas representadas pela linguagem não-verbal, como aconteceu em muitas civilizações da Antiguidade (sumérios, babilônicos e egípcios). As culturas grega e romana, no entanto, permitiram maior projeção para esse tipo de escrita, de modo que os textos gravados sobre suportes duráveis se converteram num veículo fundamental da comunicação política e privada na Antiguidade (ANDREU PINTADO, 2011, p. 584) E, nesse caso específico, é preciso considerar alguns fatores para estabelecer uma definição satisfatória das inscrições epigráficas (aqui, trata-se unicamente daquelas produzidas na língua latina), como citado anteriormente a partir de Susini (1982, p. 14-15).

O papel da inscrição, principalmente no mundo antigo, é de suma importância, já que a mesma se encontra em diversos contextos: político, jurídico, religioso, social, econômico, entre outros; esse papel marcava uma necessidade quanto à constância de informações através do texto epigráfico⁹. Maria Luiza Corassin (1999) afirma que a mensagem epigráfica se constituiu como forma privilegiada de comunicação no mundo romano antigo, por ser destinada a um público muito amplo e apresentar mais variações do que as formas escritas da atualidade. Conhecida por abrigar a chamada "epigrafia da pedra e do bronze" (CORASSIN, 1999, p. 205), Roma expandiu o uso das inscrições para fins de publicidade, propaganda e autorrepresentação, além de servir como instrumento para construir a memória, retratar a glória romana¹⁰ (exaltando os feitos, conquistas e contribuições para as coletividades) e evidenciar as relações de poder dentro da sociedade:

Em Roma a relação entre a escrita e o poder atinge seu ponto culminante, com os textos que a autoridade pública emite para conhecimento dos cidadãos e dos habitantes do império em geral. A principal preocupação é a manifestação do poder. A função epigráfica pressupõe a comunicação com o maior número de leitores e a durabilidade das inscrições. Isso explica o uso de letras monumentais no espaço público, sobretudo nos eixos de maior circulação. (CORASSIN, 1999, p. 206)

Uma *inscrição epigráfica* caracteriza-se por como “um produto cultural da comunicação escrita do passado, cuja intenção é a de perdurar no tempo a mensagem transmitida pela mesma¹¹” (SUSINI, 1982, p. 16). Ainda, a inscrição funciona como um instrumento de comunicação política e social, além de refletir a autorrepresentação dos romanos, como uma forma de aparecer perante a sociedade. O povo romano se caracterizou por ser uma civilização que preservava a memória do passado,

⁹ Ver ANDREU PINTADO, 2011, p. 584.

¹⁰ A busca pela glória é uma característica importante no mundo romano, na qual uma pessoa poderia se valer de alguns ardis e artifícios que resultavam em ações negativas (promover segregação, cometer perjúrio, por exemplo).

¹¹ Le iscrizioni sono quindi prodotti culturali, più propriamente prodotti della comunicazione scritta del passato...(...).

principalmente a memória coletiva de um povo (mesmo a memória de um indivíduo passava a ser coletiva a partir do momento em que fosse compartilhada com o público-alvo), a partir de uma seleção de feitos históricos, episódios particulares, vultos ilustres cujas trajetórias devem ser celebradas e até mesmo documentos e leis a serem vistos:

As inscrições romanas constituíram, portanto, uma cultura da estrada, composta mais pelos monumentos ao ar livre: nos foros, nas necrópoles, nos edifícios públicos, no interior e exterior dos santuários (onde, frequentemente, se conservaram leis e disposições, quase como nos arquivos), em torno das obras públicas (placas e colunas), suas paredes e, enfim, dentro da casa¹². (SUSINI, 1982, p. 48)

Tomando as palavras de Susini como base, cabe uma reflexão a respeito do próprio conceito de monumento, outra parte fundamental na comunicação epigráfica. Trata-se de um conceito que sofreu grande modificação em seu sentido a partir do século XVIII. Como nos informa Françoise Choay (2017, p. 18), o termo monumento procede do étimo *monumentum*, derivado do verbo *monēre* (advertir, lembrar), caracterizando-se por ser algo que traz à lembrança alguma coisa; o monumento não se caracteriza por apresentar uma informação neutra, mas tocar pela emoção ou por uma memória viva. Em outras palavras, é um instrumento caracterizado por sua natureza afetiva, trazendo à tona um passado localizado e selecionado, contribuindo e preservando a identidade de uma comunidade.

Le Goff, por sua vez, indica que o monumento é um sinal do passado, ressaltando que o verbo *monēre* significa "recordar" (com os sentidos secundários de avisar, iluminar e instruir), englobando tudo o que pode evocar o passado, perpetuar a recordação e mostra dos sentidos: como uma obra comemorativa de arquitetura ou escultura (arco de triunfo, coluna, troféu ou pórtico, por exemplo) ou um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa¹³. O autor ainda ressalta a relação quase intrínseca entre monumento e memória, mostrando que a presença do primeiro serve como instrumento eficaz para a perpetuação da lembrança, bem como a ausência de um monumento, construção ou mesmo de uma inscrição também é um dos processos que envolve a memória¹⁴. Além disso, o monumento é parte do conjunto epigráfico, já que ele apresenta o suporte material onde fica gravada a inscrição, ajudando ou mesmo sendo parte importante no processo de análise da inscrição, dentro de uma ciência. Chama-se a atenção para um detalhe: o conceito de monumento enquanto

¹² Le iscrizioni romane costituiscono dunque una cultura di strada, composta per lo più di monumenti all'aria aperta: nei fori, nelle necropoli, su edifici pubblici, entro e fuori dei santuari (dove spesso si conservano leggi e disposizioni, quasi come negli archivi), attorno a opere pubbliche (targhe e cippi), sui muri, ed infine entro le case.

¹³ Ver LE GOFF, 2013, p. 486.

¹⁴ No mundo romano antigo, a *damnatio memoriae* era o esquecimento da memória, muitas vezes, uma forma de punição, na qual o nome era retirado das inscrições epigráficas ou simplesmente não era gravado nas inscrições.

patrimônio histórico surge no final do século XIX e, com isso, as obras públicas tornam-se monumentos, já que elas portam a história da cidade.

A ciência responsável por estudar essa manifestação escrita é a Epigrafia. O nome da ciência remete à língua grega, visto que o mesmo se reporta ao termo ἐπιγραφή (*epigraphé*), traduzido como "sobre-escrita" ou "escrita sobre uma superfície", lembrando as palavras de Susini (1982, p. 14-15); todavia, esse tipo de escritura não se refere a qualquer superfície, ou, utilizando outro termo, suporte material, mas a uma superfície sólida ou durável, como a pedra ou o metal, por exemplo. Responsável pelo estudo e interpretação de inscrições antigas e modernas, a Epigrafia propõe a leitura e análise das inscrições epigráficas, estabelecendo diálogos com áreas como a História, a Linguística, a Filologia, a Paleografia, entre outras. Apesar de as inscrições se apresentarem em diversos contextos desde a Antiguidade, o estabelecimento da ciência responsável pelo seu estudo só se estabeleceu no final do século XIX, apresentando a seguinte definição:

Poderíamos defini-la – e aqui adoto essa mesma atitude de busca de uma definição básica que dê conta desta ciência ou disciplina – como: «Ciência que tem por objeto o estudo integral das inscrições ou epígrafes, tanto no seu material, forma e função, como em seu conteúdo»¹⁵. (SORIANO, 2008, p. 11)

Embora alguns escritores do mundo antigo já mencionassem ou mesmo utilizassem inscrições epigráficas em seus textos, durante o Humanismo houve o aumento do interesse de acadêmicos, estudiosos e humanistas em inscrições epigráficas. Com as publicações dos *corpora* e obras monumentais de referência, a epigrafia ganhou maior importância até atingir o status de ciência, no final do século XIX, após um trajeto de quase quatro séculos. Num primeiro momento, a epigrafia era uma ciência auxiliar à História, mas, a partir do final do século XX, ela se tornou uma ciência autônoma. Desde a Antiguidade, as inscrições epigráficas despertaram a atenção de autores literários; especialmente, na literatura grega, os autores as transformaram em elementos literários (como os poetas elegíacos e os historiógrafos). O ciclo epigráfico dentro do universo romano teve maior projeção a partir do final da República, encontrando no Principado de Augusto o seu período de maior esplendor, com um aumento explosivo na quantidade de inscrições encontradas na cidade de Roma e as províncias anexadas ao território do Império Romano¹⁶. O hábito epigráfico esteve presente principalmente entre os séculos I a.C. e I d.C., ganhando novo fôlego a partir do século III d.C. (sendo a maior parte das inscrições de conteúdo cristão) e tendo seu declínio a partir do século IV

¹⁵ Podríamos definirla —y aquí adopto esa misma actitud de búsqueda de una definición básica que dé cuenta de esta ciencia o disciplina— como: «Ciencia que tiene por objeto el estudio integral de las inscripciones o epígrafes, tanto en su materia, forma y función, como en su contenido».

¹⁶ Esse aumento ficou conhecido como 'boom epigráfico' ou *furor epigraphicus*.

da nossa era. De qualquer maneira, as inscrições serviram contribuindo para modificar o espaço urbano:

Nessa reelaboração do espaço urbano, as inscrições constituem um elemento fundamental, e não só porque serviram para deixar registro do programa de obras públicas ou da participação das diferentes famílias em sua construção. A inscrição comemorativa cumpre nos edifícios públicos uma função decorativa, além de testemunhal e esta função é mais evidente quando figura sobre suportes externos. De fato, as áreas forenses de muitas cidades narbonenses, itálicas, africanas ou hispânicas balizaram seu perímetro com os pedestais erigidos em honra daqueles personagens que haviam destacado em algum momento da vida da cidade, bem por seus atos de *evergetismo*¹⁷, bem por sua participação nas magistraturas ou por qualquer outro merecimento. Os pedestais com inscrição que enfeitam todos estes espaços públicos fazem parte desse programa monumental que permitiu adaptar as cidades a uma nova paisagem de acordo com a nova condição jurídica do núcleo e de seus habitantes¹⁸. (ABASCAL, 1995, p. 446)

O mundo antigo não reconhecia a epigrafia como ciência¹⁹, ou seja, não possuía o mesmo entendimento sobre ciência que a atualidade; por outro lado, salientava a importância das inscrições através de relatos históricos e literários. Ao estudar as inscrições epigráficas produzidas dentro do universo romano, percebe-se uma característica humana muito presente nessa ação: a busca pela glória, ou seja, a exaltação de seus feitos, não importando os artifícios usados para consegui-los. Uma vez que determinado feito ou determinada figura ilustre estivesse presente numa inscrição, a comunicação se desenvolveria a partir do momento em que o leitor reconhecesse e compreendesse a mensagem ali expressa, através da visão de mundo da sociedade em que ele se encontra inserido. Uma explicação para a epigrafia ser considerada uma ciência tardia, assim como outras ciências humanas, é que o próprio conceito de ciência sofreu modificações ao longo dos séculos e que, até o século XIX, as ditas 'ciências humanas e sociais' não eram enquadradas como áreas que promovessem a observação científica:

¹⁷ Evergetismo é um termo cunhado pelo historiador francês A. Boulanger (1923) e deriva do grego *εὐεργετέω* ("eu faço boas obras"). Indica a prática, no mundo clássico, de presentes luxuosos para a comunidade de forma aparentemente desinteressada

¹⁸ En esa reelaboración del espacio urbano, las inscripciones constituyen un elemento fundamental, y no sólo porque sirvieron para dejar constancia del programa de obras públicas o de la participación de las diferentes familias en su construcción. La inscripción conmemorativa cumple en los edificios públicos una función decorativa además de testimonial y esta función es más evidente cuando figura sobre soportes exentos. En efecto, las áreas forenses de muchas ciudades narbonenses, itálicas, africanas o hispanas vieron jalonado su perímetro con los pedestales erigidos en honor de aquellos personajes que habían destacado en algún momento de la vida de la ciudad, bien por sus actos de *evergetismo*, bien por su participación en las magistraturas o por cualquier otro merecimiento. Los pedestales con inscripción que adornan todos estos espacios públicos forman parte de ese programa monumental que permitió adaptar las ciudades a un nuevo paisaje acorde con la nueva condición jurídica del núcleo y de sus habitantes.

¹⁹ Até o presente momento, não foi encontrado nenhum manual de epigrafia romana pertencente à Antiguidade, nos moldes conhecidos a partir do século XIX e, principalmente, no final do século XX; apenas relatos pontuais em obras da literatura grega e latina, principalmente por parte de historiadores, como Tucídides e Plínio, o Velho.

A partir do século XVI, a ciência se separa da teologia e torna-se um conhecimento mais estruturado e prático. No século XVIII, ela estava relacionada com o desenvolvimento de instrumentos técnicos como suportes para a ampliação dos sentidos humanos com a finalidade de observação, descrição e experimentação científica (por ex. química, astronomia etc.). Já, no século XIX, o conceito de ciência passa a englobar as chamadas Ciências Sociais e Humanas, que negam o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautassem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. A epigrafia, no século XIX, é só uma ciência auxiliar da história, tornando-se autônoma no século seguinte. (JULIÃO, 2018, p. 45)

Se, num primeiro momento, apenas o texto da inscrição epigráfica era considerado como objeto de estudo da Epigrafia, ou seja, a análise interna, posteriormente, outros aspectos foram incluídos ao estudo, como o suporte material, o contexto geográfico, topográfico, a paisagem epigráfica, etc., constituindo a análise externa. Um fator relevante para o estudo de uma inscrição epigráfica é a possibilidade da mesma não relatar sobre o local onde ela se situa, devido à possibilidade da construção ter sido demolida, trasladada para outro sítio ou mesmo o suporte da edificação original ter sido reaproveitada em outro espaço. O caso do Rio de Janeiro apresenta as particularidades anteriormente citadas, principalmente com as reformas no final do século XIX e começo do século do século XX, que reconfiguraram a cidade, derrubando muitas construções coloniais e imperiais.

Ainda, destaca-se o uso da linguagem epigráfica como um traço distintivo dessas inscrições, já que elas são formuladas com amplo uso de abreviaturas, fórmulas, espaços e ausências, levando-se em conta que não havia muito espaço para gravar as mensagens e, ainda assim, algumas delas apresentavam certa complexidade, ao apresentar informações sobre o local e a época retratados²⁰. Por isso, as inscrições epigráficas também funcionarão como documentos e uma fonte de estudos importante para entender a Antiguidade e, num momento posterior, indicar uma das vias de retomada da cultura greco-latina no Renascimento, fator que ajuda a entender a presença de inscrições epigráficas em latim no Rio de Janeiro. A partir desses detalhes, torna-se necessário entender a importância da epigrafia latina nos períodos oitocentista e novecentista, principalmente para investigar a presença de uma epigrafia em latim no Rio de Janeiro.

²⁰ Corassin lista essas características como parte integrante da escrita epigráfica latina. A autora também aponta que os tipos de inscrições mais encontrados são as funerárias (sepulcrais) e as relativas a obras públicas (geralmente honoríficas e monumentais).

A epigrafia latina nos séculos XVIII e XIX. A importância do suporte epigráfico

Como já dito anteriormente, a epigrafia se torna uma ciência no século XIX, mas ela começa a se desenvolver de fato nos séculos anteriores. O interesse particular no percurso da epigrafia nos séculos XVIII e XIX é motivado pelo recorte temporal escolhido pela pesquisa, um período de importantes transformações históricas e socioculturais tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto no mundo; a realidade da antiga sede do Governo-Geral colonial é mais nova em relação a outras cidades, já que o futuro território brasileiro²¹ tornou-se conhecido pelo Velho Mundo durante o processo de várias fases do Renascimento, em que o interesse dos acadêmicos e estudiosos renascentistas sobre a cultura greco-latina aumentava consideravelmente, como uma reação imediata ao fim da chamada Idade Média:

O que renasce, na época, é uma esperança de sair daquilo que se considerava (de forma preconceituosa, em grande parte) como um período de escuridão e obscurantismo, uns séculos infelizes de retrocesso que seriam chamados de Idade Média. Chegara o tempo da redescoberta das obras, das formas e ideias da Antiguidade, época que se achava perdida para sempre, porém que havia deixado uma saudade imprecisa, literalmente aureolada pelo distanciamento que lhe conferia o status de idade de ouro. O que estava nascendo era uma nova *pax romana*, isto é, a paz na diversidade dos povos, das línguas e das culturas, todos unidos num império que propiciava a prosperidade através do comércio e das atividades artesanais e industriais, e sobretudo o intercâmbio das ideias e das produções artísticas, tornado possível graças a uma língua **escrita** comum, o latim – e naturalmente também o grego – que não impedia que se praticassem línguas orais e religiões mais diversas, no respeito das alteridades, diversidade que garantia a riqueza dos intercâmbios culturais. (GUISAN, 2018, p. 19-20)

O Humanismo, dessa forma, representava uma valorização de tudo que remetia à Antiguidade, principalmente a cultura greco-romana; um dos elementos mais significativos dos tempos antigos eram as inscrições latinas, enquanto forma de expressão, propaganda e escrita. Se, por um lado, escritores gregos e latinos como Tucídides, Heródoto, Tito Lívio, Varrão e Plínio, o Velho, já demonstravam e pontuavam o interesse nas inscrições epigráficas, os humanistas foram responsáveis por desenvolver ainda mais esse tipo de interesse, conduzindo às primeiras compilações, ainda muito rudimentares, bem como a cópia dos modelos romanos em inscrições comemorativas (monumentais) e funerárias (sepulcrais). Naquele período, reis e papas gravavam epitáfios, inscrições honoríficas e

²¹ Durante os séculos XVIII e XIX, o território brasileiro ainda se encontrava em processo de expansão. Diversos conflitos entre Portugal e Espanha ocorreram devido aos limites de tratados territoriais, que separavam a América Espanhola da América Portuguesa. Somente no século XX o território brasileiro atingiria os limites atuais.

comemorativas como forma de perpetuar a memória²², da mesma forma que os romanos fizeram a partir do século final da República (séc. I a.C.), momento histórico em que a epigrafia romana ganhou força em Roma e em outras províncias do território conhecido como Império Romano e os desdobramentos desse interesse contribuiriam para o desenvolvimento de uma nova área de estudo:

O século XVI teve alguns compiladores de inscrições como Apiano, Fabrício e Mazzochi, numa época em que a edição e difusão de textos se tornara mais profícua por toda a Europa; entretanto, o primeiro *corpus* de Epigrafia propriamente dito foi publicado somente no começo do século XVII, em 1603, sob o título de *Inscriptiones antiquae totius Orbis Romani*, de Jan Gruter. Esse manual é o ancestral dos futuros *corpora* epigráficos produzidos nos séculos XVIII e XIX, por juntar uma série de inscrições numa mesma obra. A partir do final do século XVII e começo do século XVIII, surgiram as primeiras compilações epigráficas na Itália, França, Alemanha e Inglaterra, regiões dispostas a investir nessa ciência, revivendo o hábito epigráfico²³. (JULIÃO, 2018, p. 47)

A retomada do chamado hábito epigráfico também ocorreu em outras partes do continente europeu, principalmente nas nações ibéricas, em que o uso de inscrições epigráficas se estendeu por várias partes de seus respectivos territórios. Até a atualidade, Portugal e Espanha se dedicam a estudar os diversos sítios e paisagens epigráficas encontrados ao longo de séculos, representando diferentes períodos de tempo, ciclos históricos e apontando feitos, figuras ilustres e episódios relevantes para as histórias das duas nações; além de retomar o hábito epigráfico em latim, os portugueses o trouxeram para o Brasil, como parte do seu legado cultural europeu. Isso conduz a outro questionamento relevante para esse estudo: a presença e o prestígio da língua latina em certas culturas espalhadas pelos continentes. Principalmente no recorte temporal trabalhado pela pesquisa, a língua latina era considerada universal para os sábios e cientistas da época, servindo para as descobertas e discussões científicas entre a comunidade de sábios da época.

Outra razão para explicar a universalidade da língua entre os cientistas foi o florescimento das universidades católicas a partir da Idade Média, que ampliaram a difusão da língua entre as novas gerações de estudiosos, facilitando os estudos e o intercâmbio de ideias dentro da Europa da época e, posteriormente, em outras áreas do mundo, incluindo o Brasil. Durante os períodos oitocentista e novecentista, a língua latina ainda possuía notoriedade por seu prestígio junto à comunidade acadêmica e científica, embora muitos estudiosos já enxergassem o seu declínio como consequência

²² D'ENCARNAÇÃO, 1996, p. 103.

²³ De acordo com ANDREU PINTADO (2011), o hábito epigráfico consiste no costume de gravar textos sobre um suporte durável. Esse termo foi adotado pelo estudioso Ramsay McMullen em 1982, para identificar a disseminação das inscrições epigráficas em latim dentro do Império Romano.

direta da ascensão dos ditos idiomas nacionais²⁴, comportando-se como o principal meio de transmissão do saber científico no mundo. Por essa razão, talvez não espante tomar conhecimento do grande alcance do latim entre estudiosos e letrados; por outro lado, a língua representa, até hoje, um saber erudito, muitas vezes, fora do alcance das camadas mais populares da sociedade, principalmente dentro do território brasileiro:

A partir do século XVII, a língua se tornou símbolo de erudição clássica, sabedoria humanística e ferramenta de formação profissional. A expulsão dos jesuítas por parte do Marquês de Pombal marcou a segunda metade do século XVIII. O marquês promoveu uma mudança no ensino em Portugal e nas colônias portuguesas, com a implementação do português precedendo a gramática do latim. Convém ressaltar que o latim em questão não era a língua falada tal como em Roma, mas uma variante usada para a comunicação básica oral e escrita, que funcionava como instrumento da erudição clássica, sendo largamente utilizada pela Companhia de Jesus. (JULIÃO, 2018, p.79)

Os primeiros registros epigráficos em língua latina na cidade do Rio de Janeiro surgiram nos anos 1730, durante o período em que os jesuítas se encontravam no Brasil; a inscrição epigráfica latina mais antiga dessa chamada "epigrafia brasileira"²⁵ se encontra na Ponte dos Jesuítas, no bairro de Santa Cruz e, posteriormente, outras inscrições foram gravadas em diversas edificações. Como se trata de um campo menos vasto do que em outras localidades (Europa, norte da África e Ásia ocidental, onde ficavam as antigas províncias subjugadas ao poderio de Roma), são poucos registros na cidade. Entretanto, o *corpus* torna-se atrativo por duas razões: em primeiro lugar, ele oferece a oportunidade de registrar figuras ilustres e episódios histórico-arquitetônicos da cidade na língua latina; em segundo lugar, as inscrições epigráficas em língua portuguesa seguiam o mesmo modelo que a língua latina (com o modo de apresentação das inscrições, a adaptação das abreviaturas para um idioma moderno, etc.). A epigrafia monumental em latim na cidade do Rio de Janeiro apresentou dois grandes momentos: durante o século XVIII, entre 1762 e os anos 1790 e no século XIX, entre 1820 e 1872. Cabe ressaltar que se consideram no recorte temporal apenas as inscrições que se localizavam no contexto monumental e de construções públicas, lembrando que existem outros contextos presentes na cidade. Fato curioso é que o fim do recorte temporal da pesquisa coincide com o começo da epigrafia enquanto ciência. A publicação do primeiro volume do *Corpus Inscriptionum Latinarum* em 1863 é considerada como o ponto de partida da ciência epigráfica e, a partir daquele momento, muitos estudiosos se dedicaram a analisar, num primeiro momento, somente as inscrições e,

²⁴ Esse movimento de declínio já era observado desde o século XVIII, mas se aprofunda ao final do século XIX e começo do século XX. No Rio de Janeiro, o último registro (conhecido) de inscrição epigráfica em latim é datado da década de 1930.

²⁵ Esse termo foi cunhado pelo desembargador Vieira Ferreira (1928) para se referir ao conjunto de inscrições epigráficas encontradas na cidade do Rio de Janeiro, tanto em língua latina quanto em língua portuguesa.

posteriormente, outros aspectos relativos a ela, através de alguns indicadores que serviam de parâmetro para o surgimento de uma ciência:

Tais indicadores foram, a saber: *corpora* e obras monumentais de referência para coletar, apresentar e discutir os materiais disponíveis, instituições que respaldassem tais projetos e, mais tarde, manuais universitários que justificassem e, também, incentivassem a presença da disciplina nos estudos universitários²⁶. (ANDREU PINTADO, 2011, p. 593)

Um dos aspectos mais significativos no estudo da epigrafia, e cuja relevância ganhou mais destaque há algumas décadas, é o **suporte material** ou, de acordo com alguns estudiosos, o suporte monumental; trata-se do material em que a inscrição se encontra gravada e, durante muito tempo, funcionou como um critério para diferenciar a Epigrafia de outras ciências que estuda formas de escrita (como a Paleografia e a Numismática). Entretanto, as informações fornecidas pelos suportes materiais aumentam as possibilidades de análise. De acordo com Abascal (1995, p. 441), o verdadeiro interesse por trás do estudo do suporte está na determinação de características comuns aos monumentos vinculados a determinadas coletividades e laços de relações específicos. Mas esse tipo de estudo não pode desprezar a disponibilidade de material presente nos territórios, já que alguns materiais encontrados em Roma (principalmente pedras) não seriam encontrados, por exemplo, no Rio de Janeiro. O suporte material, mais do que ser um elemento chave para o estudo, também amplia o entendimento da memória transportado pelas inscrições epigráficas:

O mundo material faz sentido quando as memórias são revividas por meio da experiência e quando as expectativas são tanto satisfeitas quanto desafiadas. A significância de uma inscrição é conservada apenas quando a mesma expressa as expectativas do leitor. Diferentes expectativas darão à inscrição diferentes sentidos. Deste modo, diferentes grupos de leitores se definirão pelo sentido que acrescentam a uma inscrição, mas esse sentido também pode ser esquecido. A memória, portanto, orienta as experiências biográficas do leitor na direção da inscrição e permite ao leitor não só entender o que ele leu, mas também reconheça algo de suas próprias experiências, e aquelas de outros, sendo expressado por intermédio daquela leitura²⁷. (BARRETT, 1993, p. 237)

²⁶ Dichos indicadores fueron, a saber: *corpora* y obras monumentales de referencia para recoger, presentar y discutir los materiales disponibles, instituciones que respaldasen dichos proyectos y, más tarde, manuales universitarios que justificasen y, a la vez, incentivasen la presencia de la disciplina en los estudios universitarios.

²⁷ The material world makes sense when memories are recalled through experience and when expectations are either satisfied or challenged. The significance of an inscription is maintained only when it addresses the expectations of the reader. Different expectations will give the inscription different significances. In this way different groups of readers will define themselves by the significance they attach to an inscription, but that significance can also be forgotten. Memory therefore orientates the biographical experiences of the reader towards the inscription and allows the reader not only to understand what they read but also to recognize something of their own experiences, and those of others, being addressed through that reading.

A princípio, percebe-se que, de acordo com o material utilizado em determinadas construções e contextos, os tipos de inscrições encontradas se diferenciam; tomando a Roma antiga como exemplo, notam-se certas particularidades: as tábuas de cera comportam uma grande diversidade de textos, tanto de caráter público quanto privado; a argila e a cerâmica, por sua vez, abrigaram textos mais antigos e a chamada "escrita pintada", ou seja, os desenhos; por outro lado, a pedra (mármore, granito, basalto, etc.) e o metal (bronze) constituem-se como os suportes mais utilizados para abrigar as inscrições epigráficas. Curiosamente, alguns estudiosos atribuíram à Roma a alcunha de "*civilização da epigrafia*"²⁸, já que essa civilização transformou as inscrições num grande sistema de comunicação para fins memoriais e propagandísticos; por outro lado, ao investigar quais os suportes materiais epigráficos mais utilizados entre os romanos, nota-se que 'muito do que atualmente se encontra em jornais, cartazes e arquivos, no mundo romano era gravado em pedra e bronze' (CORASSIN, 1999, p. 205). A comparação é digna de nota, já que as inscrições epigráficas, além de se comportarem como documentos, também serviam como anúncios e propagandas da vida político-social no mundo romano e, até certo ponto, divulgavam informações sobre algumas construções e monumentos construídos naquela paisagem epigráfica:

O suporte por excelência na produção epigráfica greco-romana foi a pedra. As inscrições lapidares são as mais abundantes e características do repertório epigráfico antigo. Neles - mesmo que, de novo, os casos sejam suficientemente variados, como para nos atrevermos a resumi-los nestas linhas - a investigação costuma distinguir suportes epigráficos arquitetônicos (aqueles que faziam parte de construções maiores sem as que, de fato, o texto que carregam é impossível de contextualizar) e suportes epigráficos isentos (aquelas inscrições que se gravaram sobre estruturas livres de estar aderidas a nenhum outro conjunto)²⁹. (ANDREU PINTADO, 2011, p. 599)

As inscrições que compõem o corpus da pesquisa possuem em comum a pedra enquanto suporte material, de modo que existe uma forte ligação com o mundo epigráfico romano, não só pelo suporte, mas também pelo fato de muitas construções presentes na cidade encontrarem inspiração na arquitetura romana, utilizando também as técnicas de escritura romana. Um detalhe relacionado ao emissor das inscrições é que, considerando o contexto monumental no qual o latim está imerso, acredita-se que o emissor das mensagens seja um conjunto formado pelos acadêmicos, Clero e representantes da chamada elite intelectual, camadas da sociedade que possuíam acesso à

²⁸ CORASSIN, 1999, p. 205.

²⁹ El soporte por excelencia en la producción epigráfica grecorromana fue la piedra. Las inscripciones lapídeas son las más abundantes y características del repertorio epigráfico antiguo. En ellas - aunque de nuevo, la casuística es suficientemente variada como para atrevernos a resumirla en estas líneas - la investigación suele distinguir entre soportes epigráficos arquitectónicos (aquellos que formaban parte de construcciones mayores sin las que, de hecho, el texto que aportan es imposible de contextualizar) y soportes epigráficos exentos (aquellas inscripciones que se grababan sobre estructuras libres de estar adheridas a ningún otro conjunto.

aprendizagem da língua latina, assim como o manuseio e uso de técnicas para trabalhar com o suporte epigráfico. Esse conjunto, dominando o conhecimento da língua e, possivelmente, de epigrafia, utilizou as inscrições como veículo de comunicação:

Incentivado por esses ideais de comodidade e perenidade, o recurso aos textos gravados sobre um suporte durável se converteu num veículo fundamental da comunicação pública e privada nos tempos antigos. De fato, não se pode analisar hoje praticamente nenhum documento epigráfico sem considerar quem o elaborou (emissor), para quem se destinava (receptor), com que código se constituiu (a língua, mas também a forma da escrita adotada: tamanho, visibilidade) e em que contexto se difundiu, isto é, onde estava localizado e a quem era acessível, daí o auxílio que, muitas vezes, a Arqueologia presta à Epigrafia para a eficaz reconstrução da << paisagem epigráfica >>, ou seja, o conjunto de textos inscritos que fazia parte do cenário de comunicação de qualquer espaço durante a Antiguidade³⁰. (ANDREU PINTADO, 2011, p. 584)

As inscrições epigráficas servirão como vestígios materiais da "vetusta Sebastianópolis", usando as palavras de Padberg-Drenpol (1936, p. 17), que também nomeia o latim nelas encontrado de "latim epigráfico". A partir de investigações, percebe-se que esse registro do latim se assemelha parcialmente ao latim utilizado nas inscrições romanas, principalmente quanto ao uso das fórmulas, mas também inova ao incorporar novos vocábulos e nomes próprios vindos do português, além de adaptar o significado de alguns vocábulos latinos para a realidade da cidade. Essa coleção de relíquias perdidas, ou, para usar um termo mais técnico, documentos epigráficos, apresenta detalhes ricos sobre a história do Brasil-Colônia e do Brasil-Império, representando uma estratégia premeditada para criar uma nova realidade dos fatos que aconteciam numa das principais cidades da principal colônia portuguesa.

A presença da epigrafia latina na cidade do Rio de Janeiro e suas particularidades

A epigrafia presente na cidade apresenta uma característica singular: a maior parte das inscrições epigráficas encontradas na cidade estão em língua portuguesa, sendo algumas apresentadas em língua latina. Encontram-se inscrições epigráficas antes e depois do recorte temporal indicado, mas as

³⁰ Incentivado por esos ideales de comodidad y de perennidad, el recurso a los textos grabados sobre soporte duro se convirtió en vehículo fundamental de la comunicación pública y privada en los tiempos antiguos. De hecho, no puede analizarse hoy prácticamente ningún documento epigráfico sin tener en cuenta quién lo elaboró (emisor), para quién iba dirigido (receptor), con qué código se compuso (lengua pero también formato de la escritura adoptada: tamaño, visibilidad...) y en qué contexto se difundió, es decir, dónde estaba ubicado y a quien resultaba accesible, de ahí el auxilio que, muchas veces, la Arqueología presta a la Epigrafía para la eficaz reconstrucción del <<paisaje epigráfico >>, el conjunto de textos inscritos que formaba parte de la escenografía de comunicación de cualquier espacio durante la Antigüedad.

inscrições relevantes para a pesquisa podem ser incluídas na classificação antiga de *tituli operum publicorum*³¹, ou seja, as inscrições de obras públicas. Essa categoria de inscrições foi escolhida porque elas apresentam informações específicas sobre o momento histórico e político da cidade, bem como comentários pontuais sobre algumas das edificações e transformações arquitetônicas pelas quais a cidade passou.

Os primeiros registros de inscrições epigráficas na cidade começam na primeira metade do século XVIII e, nesse primeiro momento, não se faz uma distinção entre aquelas gravadas em língua portuguesa – a maioria delas – e aquelas gravadas em língua latina; o motivo é que, de certa forma, a epigrafia já seguia uma tendência percebida em outras nações, ou seja, a ascensão das línguas nacionais em detrimento da língua latina. Entretanto, as inscrições epigráficas em latim apresentam uma riqueza de detalhes, não só por estabelecer uma relação com as inscrições epigráficas da Antiguidade, mas também por se adaptarem à realidade da cidade na época. O Brasil foi a colônia portuguesa mais próspera e muitos cidadãos portugueses viviam aqui, de modo que a escolaridade dos que pertenciam às camadas mais altas da sociedade era influenciada pelo Humanismo e Academicismo, e, com isso, entraram em contato com os saberes científicos e a língua latina.

Uma explicação plausível para a presença da escrita epigráfica em latim na cidade do Rio de Janeiro é a imitação de um hábito recorrente da Europa, então conhecida como o Velho Mundo, que servia de parâmetro para civilizações mais jovens³². Entretanto, embasar a presença somente com esse argumento seria limitar tal hábito e diminuir a presença do latim; a presença de um idioma tão afastado dessa realidade foi um meio pelo qual o Brasil, então uma civilização jovem, buscou sua autoafirmação e identidade perante outras nações, atribuindo a essas inscrições epigráficas em latim um papel historiográfico e memorialista ao exaltar alguns episódios históricos relevantes para a história da cidade; tal iniciativa, porém, causaria um grande impacto para aqueles que nela viviam, como Julião (2018) considera em sua dissertação:

Estando, então, a língua latina envolvida por essa atmosfera de ciência, ela também foi utilizada nas inscrições na cidade do Rio de Janeiro. O principal motivo foi o latim ser considerado apropriado para uma inscrição lapidar por sua concisão e solenidade, ideal para a redação de textos breves. Entretanto, não se tratava apenas de uma escolha baseada em tais critérios; o latim, assim como outras línguas, também era uma ferramenta própria a um discurso construído para modificar a realidade dos fatos. Contudo, o discurso poderia tornar-se mais distante, pois uma parte do público não tinha acesso a uma educação regular, muito menos à cultura clássica. Encontram-se, porém, espalhados pela cidade monumentos e logradouros públicos com homenagens que incluíam o povo, muito embora ele não participasse ativamente da elaboração da mensagem, numa língua

³¹ Alguns estudiosos de epigrafia latina e romana, como Susini, usam essa terminologia no seu idioma de origem, mas alguns autores latinos antigos, como Plínio, o Velho, cunharam tal expressão.

³² Ver JULIÃO, 2018, p. 83.

que ele não compreendia ou decodificava, em textos construindo uma realidade alheia a seus conhecimentos. (JULIÃO, 2018, p. 83)

Percebe-se, dessa maneira, que a presença da língua latina na cidade representava uma estratégia premeditada para modificar a realidade dos fatos, através de um discurso excludente e compreensível para um público reduzido e seletivo residente na cidade, além disso, as mensagens poderiam ser dirigidas a estrangeiros de passagem ou estabelecidos na cidade, como um artifício de mostrar aos mesmos que, apesar da juventude da nação, havia pessoas atualizadas com os conhecimentos e saberes da época. É importante assinalar que, tanto no recorte temporal quanto na atualidade, as informações transmitidas por tais inscrições são desconhecidas por seus habitantes, visto que, em muitas delas, existe uma referência ao povo, ou seja, que as inscrições foram feitas para o povo e com a mão de obra do povo; entretanto, a noção de povo àquela época excluía um grande contingente que sequer entendia o código utilizado, o momento histórico-político em que as inscrições se inseriam ou mesmo a importância da memória ali registrada.

O interesse nesse recorte temporal tão específico, ou seja, entre o final do século XVIII e o final do século XIX é que o mesmo se aplica ao recorte temporal³³ das inscrições epigráficas encontradas na antiga sede do Governo-Geral colonial e, posteriormente, sede ultramarina do Império; o período em questão também apresenta uma grande quantidade de transformações sociais e políticas na cidade, além de ser marcado por modificações urbanísticas significativas para o desenvolvimento da cidade – além de marcar a transição de momentos administrativos, ou seja, a transição do período colonial para o imperial. A primeira inscrição epigráfica do recorte é datada de 1762, ano anterior à transferência da capital da Colônia de Salvador para o Rio de Janeiro e ano da assinatura do tratado de Amiens³⁴. Já a última inscrição epigráfica do *corpus* é datada de 1872, período em que a cidade passa por um novo ciclo de desenvolvimento com a implementação da malha ferroviária na cidade. De acordo com Julião (2018, p. 88), na cidade do Rio de Janeiro, as inscrições em latim se caracterizam por fazer referências a vultos ilustres da cidade (reis, imperadores, vice-reis, mestres de obra, padres, etc.) e transformações urbanas (construções, demolições, reformas, etc.) pelas quais a cidade passou, utilizando-se de fórmulas e abreviaturas utilizadas nas inscrições romanas monumentais, potencializando ainda o papel do latim

³³ O recorte temporal em questão apresenta um período muito importante para a cidade do Rio de Janeiro. Na parte inicial do recorte, em 1763, a cidade se transforma na segunda capital brasileira, quando o poder administrativo é transferido de Salvador para a atual capital fluminense e, ao final do recorte temporal, a cidade vive um momento de expansão industrial e habitacional, com o interior do Município Neutro ganhando novos habitantes por causa do crescimento da malha ferroviária.

³⁴ Acordo assinado entre Portugal e França em 1762, que pôs fim à Guerra das Laranjas, conflito que opôs Portugal a Espanha e França e terminou com a perda francesa do território de Olivenças (Olivença) para Portugal; o conflito foi um dos vários desdobramentos da rivalidade instaurada entre França e Inglaterra.

dentro da cidade e, até certo ponto, remetendo aos tempos mais antigos, quando a língua se estabeleceu dentro das futuras províncias do Império Romano:

Em termos gerais, o latim, por meio das inscrições, aflorou os hábitos culturais de muitas populações de todas as partes do Mediterrâneo com as quais Roma entrou em contato. Esta circunstância é especialmente importante naquelas sociedades em que não existia uma tradição epigráfica prévia, como ocorre no caso das populações ao noroeste da Hispânia, tal como destacou Tranoy. Dessa forma, o latim constituiu o primeiro canal de comunicação escrita e serviu para nos mostrar a organização e vida religiosa de alguns grupos humanos dos quais nossa informação hoje seria, sem sua ajuda, muito escassa³⁵. (ABASCAL, 1995, p. 439)

E, ainda, as construções que abrigam as inscrições na idade do Rio de Janeiro, durante o Brasil-Colônia e o Brasil-Império, foram edificadas em pedra, cal, mármore e cantaria; a escolha do mármore remete ao mundo romano antigo, já que a pedra era um dos materiais mais utilizados para construções em Roma, junto com o granito e o basalto. Quanto ao tipo de edificações em que as inscrições se encontravam, pode-se apontar alguns detalhes bem particulares: boa parte das inscrições epigráficas em latim se concentravam em fortificações ou chafarizes, construções que visavam a proteção e segurança (principalmente em tempos que a cidade vivia sob a ameaça de invasões estrangeiras e corsários, tendo que proteger seu território) e o abastecimento da cidade (como alternativa para neutralizar as dificuldades com um sistema precário de captação e abastecimento de água), respectivamente. Tais edificações possuem um papel importante dentro da cidade, já que as fortificações abrigavam os visitantes antes que eles aportassem na cidade e os chafarizes em questão se localizassem perto do mar, em locais de embarque e desembarque e se constituíssem como locais de concentração e habitantes. Outras inscrições se encontram em edifícios públicos de funções variadas (formação, lazer e comércio, locais frequentados pela camada mais alta da sociedade, como escolas, câmaras de comércio, jardins e etc.).

Um dado importante sobre as inscrições epigráficas em latim na cidade (num total de vinte e uma inscrições) é a paisagem geográfica em que as mesmas se encontram. Por tratar-se de um tempo passado, a topografia da cidade era totalmente diferente do que é conhecido hoje; o centro urbano da cidade englobava boa parte da área central da cidade (hoje equivalendo à parte do Centro da Cidade,

³⁵ En términos generales, el latín, por medio de las inscripciones, hizo aflorar los hábitos culturales de muchas poblaciones de todas las riberas del Mediterráneo con las que Roma fue entrando en contacto. Esta circunstancia es especialmente importante en aquellas sociedades en que no había una tradición epigráfica previa, como ocurre en el caso hispano con las poblaciones del noroeste, tal y como ha puesto de relieve Tranoy. En estos ámbitos, el latín constituyó el primer cauce de comunicación escrita y sirvió para mostrarnos la organización y vida religiosa de unos grupos humanos de los que nuestra información hoy sería, sin su ayuda, escasísima.

São Cristóvão e arredores) e boa parte da atual Zona Sul (Glória até Botafogo e Humaitá)³⁶, sendo as freguesias mais distantes conhecidas como zonas rurais (estendendo-se da região da Tijuca até o porto de Sepetiba). Um detalhe geográfico importante é que quase todas as inscrições se concentram próximas à Baía de Guanabara³⁷, o que inclui as duas margens de entrada da barra da Baía; ao lado esquerdo, a fortaleza de São João, na Praia Vermelha, e ao lado direito, a Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói³⁸. Nesse caso, a Baía funciona como um fator geográfico importante para a epigrafia da cidade, como ponto de entrada dos navios que trouxeram visitantes de outras partes do território brasileiro e do mundo e sendo um denominador comum entre as construções que compunham a paisagem epigráfica da cidade:

A paisagem epigráfica do Rio de Janeiro continha poucas inscrições concentradas no seu centro urbano (algumas localizadas na zona rural), apresentando uma pequena parte desse material epigráfico em língua latina. Tal fato garantia à cidade uma imagem própria, uma vez que, aliadas às construções onde se localizavam, as inscrições realçavam sua arquitetura e contavam sua história. Encontram-se ainda inscrições epigráficas latinas fora do centro urbano ou em outros contextos não apontados aqui (funerário e religioso). (JULIÃO, 2018, p. 50)

Dentre as construções que fazem parte da paisagem epigráfica do Rio de Janeiro, apresentam-se alguns exemplos³⁹ brevemente: os Chafarizes da Glória, no bairro de mesmo nome, e do Mestre Valentim, localizado na Praça XV; a entrada do antigo Forte de São Luís, no morro do Pico em Niterói; o Hospício de Dom Pedro II, em Botafogo; as Fortalezas de São João da Barra (Praia Vermelha) e de Santa Cruz (Niterói); entre outros. Muitas das edificações já não existem mais, tendo sido derrubadas por conta de reformas urbanísticas ocorridas entre o final do período colonial e parte do período republicano (em que muitas construções coloniais e imperiais foram derrubadas, indicando uma possível iniciativa para apagar os vestígios dos dois períodos). Os registros das inscrições (e seus

³⁶ Diferentemente da atualidade, à época do Brasil-Colônia e do Brasil-Império, não existia a divisão administrativa da cidade, como existe atualmente.

³⁷ Não consideramos, na pesquisa, a Baía de Guanabara em sua totalidade, pelo fato de a mesma possuir uma extensão muito maior do que a área coberta pelo nosso estudo. Concentramos nossa análise nas duas entradas da Baía e a proximidade das construções (principalmente os fortes, fortalezas e chafarizes) às margens da mesma ajudou no desenvolvimento do estudo.

³⁸ O motivo da inclusão de Niterói entre as localidades estudadas é que, além de ocupar o lado direito da entrada da Baía de Guanabara, a cidade também era capital da Província do Rio de Janeiro, abrigando parte da defesa da cidade. Até 1835, a cidade se chamava Vila Real de Praia Grande, nome que possui origem indígena e era como os índios nomeavam o antigo porto do Rio de Janeiro e foi capital do estado do Rio de Janeiro até 1975, quando os estados do Rio de Janeiro e da Guanabara se fundiram num só.

³⁹ As outras inscrições, suas respectivas traduções e análises podem ser encontrados na dissertação de mestrado intitulada “As inscrições latinas nos monumentos do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX” (JULIÃO, 2018), em que traduzi, comentei e contextualizei as inscrições contidas no *corpus* de pesquisa.

respectivos monumentos) foram encontrados em livros e artigos⁴⁰ na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro e no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, também na cidade do Rio de Janeiro, a partir de fotografias tiradas entre os anos 1920 e 1930 pelo guarda-livros espanhol Bernardo Sanmartin. Apresentamos, então, uma das inscrições epigráficas que compõem o corpus do chamado *Corpus Inscriptionum Brasiliensum*⁴¹: a mais antiga inscrição epigráfica monumental, na antiga Casa do Trem, hoje incorporada ao conjunto arquitetônico do Museu Histórico Nacional, numa peça de artilharia, localizada acima da antiga porta de entrada, em estilo barroco português⁴²:

LVSIADV M PRIMO JOSEPHO SCEPTA TENENTE
QVI REGVM EXEMPLVM EST MAXIMVS ORBIS HONOR
ET BOBADELLA COMITE IMPERITANTE SVB AVRAS
HAEC EST MILITIBVS CONFABRICATA DOMVS
ANNO DNI MDCCLXII

Tradução: Ligando-se José I aos cetros dos portugueses, ele que é exemplo para os reis, honra máxima do orbe, e o Conde de Bobadela comandando sob o céu, esta casa foi fabricada para os soldados no ano do Nosso Senhor de 1762⁴³.

Localizado na antiga Ponta do Calabouço, hoje parte do conjunto arquitetônico do Museu Histórico Nacional, no centro da cidade, o local servia para guardar as armas e munições (trem de artilharia) pertencentes às tropas vindas de Portugal para reforço das defesas da cidade (JULIÃO, 2018, p. 89-90). A inscrição faz referência ao governante de Portugal à época (D. José I) e ao Governador-Geral do Rio de Janeiro (Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela), respectivamente o provedor e o requerente de recursos financeiros para a construção da edificação – um dos pontos responsáveis pela segurança da cidade – ambos em ablativos absolutos⁴⁴ e acompanhados de expressões elogiosas (QVI REGVM EXEMPLVM EST MAXIMVS ORBIS HONOR e IMPERITANTE SVB AVRAS). Há, também uma referência ao ambiente militar, através do termo MILITIBVS em conjunto com o participio passado CONFABRICATA (referindo-se ao substantivo DOMVS). Outro parâmetro diz respeito à datação da inscrição, que se apresenta ora em algarismos romanos, ora em números arábicos ou não aparece de forma explícita; no caso da inscrição, a datação aparece em algarismos romanos

⁴⁰ A série de três tomos *Testemunhos de inícios vários na ex-cidade de São Sebastião, actual Capital federal da República dos E.U. do Brasil*, de Bernardo Sanmartin e o artigo *Antigas inscrições do Rio e Niterói*, de Vieira Ferreira, foram as obras que auxiliaram na coleta das inscrições para o corpus da pesquisa.

⁴¹ Outro termo cunhado pelo desembargador Vieira Ferreira (1928, p. 29) para se referir ao conjunto de inscrições epigráficas encontradas na cidade do Rio de Janeiro, tanto em língua latina quanto em língua portuguesa.

⁴² Ver SANMARTIN, 1929, p. 18.

⁴³ A inscrição apresenta poucas abreviaturas, mas requer muita atenção na relação dos termos sintáticos.

⁴⁴ Estruturas sintáticas latinas que funcionam como orações subordinadas adverbiais reduzidas de participio que não possuem vínculo com a oração principal; essas podem apresentar o participio presente ou passado. Equivalem às orações subordinadas adverbiais no português, expressando, principalmente, circunstâncias de tempo, causa e condição.

indicando a inauguração da edificação (MDCCLXXII, 1762), acompanhado da expressão ANNO DOMINI, o que mostra a influência católica na formulação dessa e de outras inscrições. A inscrição epigráfica não funcionava somente como um elemento decorativo, mas situava o leitor no espaço e no tempo colonial e, em conjunto com a história do próprio monumento e do Rio de Janeiro, torna-se ainda mais notável enxergá-la como um produto cultural relevante para a época.

Como o primeiro exemplar desse grupo peculiar, ela abriu espaço para outros relatos epigráficos particulares: as inscrições epigráficas gravadas nos chafarizes da Glória, das Marrecas e de Mestre Valentim narram as mudanças urbanísticas no entorno dos chafarizes (construção de casas e jardins, dissecação de lagoas, aberturas de ruas, construção dos próprios chafarizes e de outros edifícios públicos) e nas áreas vizinhas aos mesmos, indicando também as iniciativas para a contenção das águas marinhas, nesse caso, da Baía de Guanabara; a inscrição na antiga entrada do Forte de São Luís, em Niterói, possui em sua narrativa referências claras ao suporte epigráfico (pedra), ao processo de construção do forte, bem como dos conflitos motivadores para o aumento na defesa da cidade (as guerras constantes contra os espanhóis ao longo do século XVIII); já na inscrição presente no Hospício de Pedro II, encontram-se referências ao Imperador, que deu nome ao hospício e suas funções. Apresentando-se em variados tamanhos, cada mensagem atribui uma dimensão e um capítulo específico da história da cidade, funcionando como um livro de História a céu aberto e diante dos olhos dos leitores.

Considerações finais

A partir das considerações apresentadas, depreende-se que as inscrições epigráficas em latim representam uma parte da memória da cidade, em conjunto com sua história, mesmo que boa parte das edificações pertencentes ao *corpus* já tenha sido destruída ou deslocada de seus sítios originais. O registro ainda sobrevive em alguns livros e artigos, que motivaram o estudo para refletir sobre a presença da língua latina e a influência da epigrafia em latim no cotidiano da cidade. Mais do que uma recordação histórica, esse registro servirá como um meio de narrar histórias já conhecidas sob outro viés; dentro do contexto urbano e cultural do Rio de Janeiro, criar uma narrativa de homenagens a heróis e rememoração de feitos grandiosos, como as construções de monumentos de toda a espécie, com a intenção de mostrar a um determinado público-alvo quão bela essa cidade se apresentava – uma visão nada próxima da realidade. Graças aos testemunhos gravados em “capítulos de pedra”, resgatados em fotografias e livros, acessa-se a presença da epigrafia em latim na cidade do Rio de Janeiro, dadas suas devidas proporções, apresentando a influência humanista e academicista recebida pelo Brasil, através da cultura romana e da língua latina.

Por outro lado, tais mensagens epigráficas também mostram um discurso elitista e excludente, delimitador de espaços e intensificador de separações, mostrando-se um artifício para definir quem participaria ou não dessa narrativa construída e inspirada no auge da epigrafia romana. A escrita epigráfica em língua latina foi usada para indicar que, na cidade, havia uma civilização incipiente, mas desejosa de ser reconhecida perante as nações tradicionais do Velho Mundo, mas também abriram caminho para identificar uma ligação entre Roma e Rio de Janeiro, ao qual foi atribuído a expressão “Roma Tropical”, como referência à influência romana na cidade, principalmente na arquitetura. Apresentaram-se, aqui, algumas considerações sobre o assunto, mas ainda há muito a ser explorado. A pedra serviu como material para essa obra de múltiplas leituras, não apenas no contexto monumental, o que instiga a identificá-las a partir de novas pesquisas no futuro.

Referências bibliográficas

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel. Epigrafía latina e historia antigua. *In: Antigüedad y Cristianismo*. N. 12. Murcia: Universidad de Murcia, p. 437-447, 1995.
- ANDREU PINTADO, Javier. La Investigación sobre fuentes epigráficas. Las inscripciones y su contribución a la Historia de la Antigüedad: la epigrafía latina. *In: AGORRETA, Maria Jesus Pérex (Coord.). Métodos y técnicas de investigación histórica I*. Navarra: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2012. p. 579-626.
- BARRETT, John C. Chronologies of remembrance: The interpretation of some Roman inscriptions. *World Archaeology*, 25:2, p. 236-247, 1993.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do monumento**. Trad. Luciano Vieira Machado. 6.ed. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2017.
- CORASSIN, Maria Luiza. O uso da escrita na epigrafia latina. *Classica*, São Paulo, v. 11/12, n.11/12, p. 205-212, 1998/1999.
- DESBORDES, Françoise. **Concepções sobre a escrita na Roma antiga**. Trad. Fúlvia M. L. Moretto e Guaracira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.
- D'ENCARNAÇÃO, José Manuel dos Santos. Epigrafia Latina e História Romana. *In: Phoinix*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 101-108, 1996.
- FERREIRA, Desembargador Vieira. Antigas inscrições do Rio e Niterói. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 106, volume 160. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 29-58, 1929.
- GUISAN, Pierre François George. O que é um autor? Autor dentro da história e escritor fora do seu tempo. *In: A literatura no encontro com o outro*. Curitiba: Editora CRV, p. 15-35, 2018.
- ISOLDI, Francisco. A Epigrafia: síntese geral. **Revista de História**, vol. 4, n° 9. São Paulo: EDUSP, p. 89-106, 1952.
- JULIÃO, Danilo Oliveira Nascimento. **As inscrições latinas nos monumentos do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas: Latim). Faculdade de Letras: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**; Trad. Bernardo Leitão... [et al...] Campinas: Editora UNICAMP, 2013.
- LIMENTANI, Ida Calabi. **Epigrafia Latina**. Bolonha: Cisalpino/ Istituto Editoriale Universitario, 1991.
- PADBERG-DRENKPOL, Jorge Henrique Augusto. Recordações históricas do Rio através de velhas inscrições latinas. **Boletim do Centro de Estudos Históricos**, tomo II. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, p. 17-21, 1937.

- SANMARTIN, Bernardo. **Testemunhos de inícios vários na ex-cidade de São Sebastião, actual Capital federal da República dos E.U. do Brasil**. T. 1. Rio de Janeiro: Bernardo Sanmartin, 1928.
- SANMARTIN, Bernardo. **Testemunhos de inícios vários na ex-cidade de São Sebastião, actual Capital Federal da República dos E.U. do Brasil**. T. 2. Rio de Janeiro: Bernardo Sanmartin, 1929.
- SORIANO, Isabel Velásquez. Los estudios epigráficos. Cuestión de métodos interdisciplinares. **Pyrenae - Revista de Prehistòria i Antiguitat de la Mediterrània Occidental**, núm. 39, vol. 1. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 7-41, 2008.
- SUSINI, Giancarlo. **Epigrafia romana**. Roma, Jouvence, 1982.